

# Símbolo, metáfora e mito na comunicação intercultural

Maria Manuel Baptista\*

**Resumo:** As reflexões que nos propomos fazer procurarão abordar as questões implicadas na Comunicação Intercultural, a partir de algumas dimensões próprias da linguagem e de alguns dos seus aspectos centrais: o símbolo, a metáfora e o mito. Na verdade, trata-se de realidades que reflectem e produzem o imaginário cultural próprio e alheio a partir do qual toda a comunicação pode propriamente (dis)funcionar.

Serão igualmente abordadas as questões relativas às diferentes modalidades de comunicação com o Outro, convocando para o efeito a hermenêutica cultural de Paul Ricoeur, designadamente na compreensão do objecto cultural enquanto potencial mediador por excelência no âmbito da Comunicação Intercultural.

**Palavras-chave:** comunicação intercultural, símbolo, mito

## Introdução

Na sequência das reflexões em torno da globalização *versus* lógicas locais que clamam por processos identitários de profunda (e quase exclusiva) ressonância cultural (Baptista, 2001, 2006), a comunicação entre culturas diversas tornou-se recentemente uma temática incontornável. Para além disso, duas realidades de índole eminentemente prática têm igualmente obrigado a reflexão cultural a voltar-se para esta área nova do conhecimento: a inevitável globalização económica (“o mundo é um só mercado. (...) cada vez mais o mercado é o mundo” (Freire, 1999)) e os inúmeros conflitos étnicos e culturais a que o mundo tem vindo a assistir. Trata-se, em ambos os casos, de situações que frequentemente vivem de contextos de ‘não-comunicação’ intercultural, mostrando, ainda que do avesso, a importância e até urgência de pensarmos os novos desafios e dilemas com que o mundo contemporâneo se debate.

\* Departamento de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro. E-mail: mbaptista@ua.pt

Na presente reflexão procuraremos principalmente apresentar uma perspectiva, um caminho possível, de comunicação intercultural, partindo de uma área teórica que é a hermenêutica cultural, muito particularmente inspirando-nos nas propostas de Paul Ricoeur (Ricoeur, 1969, 1975, 1986, 1987, 1990, s/d). Assim, e apesar do facto de alguns teóricos da comunicação intercultural verem esta questão pelo prisma da cultura enquanto problema e obstáculo à comunicação, procuraremos, pelo contrário, apresentar precisamente a cultura como possível solução para uma maior e mais profunda comunicação entre os povos e os homens.

## **1. Cultura e símbolo**

A cultura vive e alimenta-se em primeiro lugar de símbolos, metáforas e mitos, através dos quais se exprimem os desejos, aspirações, receios e esperanças, que enformam os sentidos múltiplos de toda a produção cultural (seja ela expressiva, material ou imaterial). No âmbito do presente trabalho abordaremos sucessivamente o papel do mito, do símbolo e da metáfora na produção do objecto cultural, bem como na instauração de uma linguagem própria à cultura.

O símbolo pode ser visto como uma estrutura de significação onde um sentido directo, literal, designa por acréscimo um outro sentido (Ricoeur, 1975). Ora, uma tal definição implica de imediato a equivocidade de todo o símbolo, fazendo emergir naturalmente um conflito de interpretações (Ricoeur, 1969). Poder-se-ia fazer radicar logo aqui uma estrutural dificuldade de comunicação intercultural, uma vez que diferentes culturas criam e usam símbolos diversos (ou até idênticos) que comunicam de forma diversa e intrinsecamente equívoca.

Na realidade, se essa é a situação que teórica e abstractamente se pode desenhar, não podemos deixar de fazer notar que é no círculo hermenêutico que vai da pré-compreensão à compreensão (e desta, de novo, a uma nova pré-compreensão) (Gadamer, 1997) de uma dada realidade simbólica e cultural que podemos esclarecer, com alguma validade e fundamentação, os possíveis sentidos implicados no símbolo.

## **2. Cultura, comunicação e linguagem**

### **2.1 Linguagem e objecto cultural**

Do mesmo modo, também o objecto cultural pode ser visto como contendo uma espécie de linguagem simbólica, ao implicar, para além da intenção ou significação do criador, uma dimensão que lhe é própria e que ultrapassa o

sentido inicial do seu autor, exactamente como acontece no símbolo onde um sentido outro ultrapassa o que o símbolo designa de um modo imediato.

Já no que concerne à linguagem, é ela que permite que o sentido saia da esfera privada para a pública, transmitindo não a experiência vivida mas a significação. A linguagem torna-se, assim, o processo pelo qual a vida se exterioriza e uma impressão se transcende em expressão.

Na verdade, sobretudo na linguagem oral, a referência ao objecto e a sua íntima ligação com este está desde logo suposta. Pelo contrário, quando se trata de um objecto cultural discursivo (um livro, um quadro, um filme, etc.), este liberta-se da referência e aponta para um mundo novo ou novas propostas de estar no mundo.

Deste modo, os objectos culturais ganham dimensões novas e mais poderosas, quando comparados com a mera capacidade expressiva da linguagem instrumental e quotidiana, pois eles têm capacidade de transcrição do real, eventualmente metamorfoseando-a e criando mesmo novas realidades.

Outra das potencialidades do objecto cultural, essenciais do ponto de vista da comunicação, é precisamente o facto de este permitir a libertação da presença do sujeito criador, continuando a poder proporcionar comunicação e ultrapassando mesmo o que são as intenções comunicativas do sujeito.

Acrescente-se ainda que a apropriação cultural que a comunicação proposta pelo objecto pode permitir, deve ser entendida, ainda na nossa perspectiva e inspirando-nos nas propostas da hermenêutica cultural ricoeuriana, como o pólo dialéctico de uma certa estranheza e distanciação em relação ao objecto. Assim, toda a comunicação cultural (e de forma mais intensa a comunicação intercultural) exige um confronto produtivo com a alteridade e a distanciação, abrindo deste modo, e de forma paradoxal, a possibilidade de um aprofundamento não apenas para uma hetero mas também para uma autocompreensão.

## **2.2 Interpretação cultural, hermenêutica decifradora e comunicação intercultural**

A hermenêutica decifradora que aqui propomos implica necessariamente a desmistificação e a crítica das leituras estereotipadas da(s) cultura(s) e dos objectos culturais (próprios ou alheios), pois só ela permite a escuta ou explicitação de novos sentidos, reconduzindo a cultura ao seu espaço próprio de expressão e criação.

Neste sentido, o objecto cultural pode também ser entendido como metáfora, mantendo as suas características de ambiguidade e permitindo assim a apropriação por sujeitos diversos de diferentes culturas e tempos históricos, apropriação sempre indeterminada e imprevisível, e até mesmo contemplando a possibilidade de produção de sentido(s) inovador(es).

O objecto cultural, como a metáfora, tem então a possibilidade de permitir a transferência de sentido e a criatividade, usando por exemplo a predicação bizarra e acolhendo a eventual tensão entre interpretações opostas da enunciação.

Para além disso, se olharmos o objecto cultural como metáfora, teremos de admitir a impossibilidade de uma tradução rigorosa. Compreender um objecto cultural, sobretudo se a partir de uma outra cultura, apenas poderá admitir a recriação, numa perspectiva que ensina a olhar a realidade de uma maneira nova e necessariamente diferente.

Assim, a comunicação intercultural não é mais mera tradução mas propriamente recriação, requerendo de cada sujeito um olhar (re)criador e culturalmente produtor. A comunicação intercultural exige, deste modo, imaginação, tanto a produtora como aquela que está implicada na actividade de interpretação como recriação.

Em suma, quer o objecto cultural seja entendido como metáfora quer como símbolo, em ambos os casos trata-se sempre de uma interacção entre semelhança (aquilo que culturalmente nos é familiar e próximo) e dissemelhança (o que é estranho e diverso), numa actividade que, como já sublinhámos, não é nunca uma tradução exaustiva através do conceito, mas exige uma atitude em grande parte (re)criativa e imaginativa.

Mas os modos de produção cultural, simbólica e metafórica não se equivalem completamente: os símbolos diferem das metáforas, pois aqueles são mais confusos que estas. De acordo com Paul Ricoeur, há sempre mais no símbolo do que aquilo que permite a sua tradução conceptual, até porque no símbolo esbatem-se as fronteiras entre as coisas ou mesmo entre as coisas e nós (Ricoeur, 1975). O que num símbolo resiste a qualquer transcrição linguística e não corresponde a uma metáfora é o momento não semiótico do símbolo, que nos remete para domínios não-simbólicos, pré-linguísticos e pré-inconscientes.

É que o símbolo está numa situação fronteira (tal como a vida), pois funda-se na estrutura real do universo e daí a capacidade que ele tem para significar. Na verdade, o que há de comum em todos os símbolos, e pede para ser dito, é algo de 'poderoso', embora a linguagem humana apenas tenha a capacidade para captar o que brota à superfície da vida sem poder esgotar a sua riqueza (Ricoeur, 1987).

A este propósito, parecem-nos particularmente acutilantes as considerações de Ricoeur no que respeita à existência de uma superestrutura metafórica, que se revela na linguagem e na cultura, mas que em última análise mergulha as suas raízes num estado profundo da existência, pela mediação de uma infra-estrutura simbólica, só ela capaz de dizer a vida e a experiência. Em síntese, só a actividade simbólica é um meio de expressão adequado a uma realidade extralinguística e mais profunda do que a própria linguagem.

### **3. Os mitos e a comunicação intercultural**

A interpretação dos mitos, ou mais propriamente a sua explicação, tem sido objecto de múltiplas abordagens teóricas. A leitura estruturalista (Barthes, 1957; Greimas, 1979/ 1992; Lévi-Strauss, 1962; Propp, 1928/1971) parte da divisão em mitemas, segmentando o seu objecto de estudo e privilegiando num primeiro momento o aspecto horizontal. Em seguida, procura determinar as relações entre mitemas, elaborando uma interpretação que tem em conta a respectiva articulação hierárquica. Da determinação e arranjo desses mitemas dependerá a estrutura do mito que assim revelará o seu significado.

Apesar do facto de a leitura estruturalista recorrer a um conjunto vasto de conhecimentos (linguística estrutural, psicanálise, crítica historiográfica, crítica literária e narratologia, antropologia cultural, marxismo e crítica das ideologias, bem como todas as ciências humanas que se ocupam analítica e explicativamente do homem), fica por compreender, de acordo com Ricoeur, o sentido do mito, faltando propriamente interpretá-lo.

Na verdade, a comunicação intercultural que os mitos (próprios e os de outras culturas) podem proporcionar exige um duplo movimento semântico:

- uma semântica de superfície que consistiria na explicação do mito encestando um processo de descronologização e em seguida de combinação, reconstituindo, por um processo de abstracção, unidades dramáticas e seqüências de acção;
- uma semântica de profundidade que, ao partir da ideia fundamental de que o mito se enraíza em suportes existenciais e nasce para resolver os grandes conflitos da existência, permite descrever as suas dinâmicas de resposta a um questionamento essencial, desmistificando-o assim, mas também proporcionando a possibilidade de adopção de uma atitude criadora e libertadora de sentidos novos.

### **4. Uma proposta hermenêutica de comunicação intercultural**

O objecto cultural próprio ou alheio, familiar ou culturalmente estranho, é sempre um desafio a cada sujeito, pois enquanto mostra, cria um novo modo de ser que nos interpela de forma mais ou menos longínqua, mais ou menos profunda.

Compreender um objecto ou uma realidade cultural é ir do que aí se diz para aquilo de que se fala e só a este preço é possível instituir o verdadeiro diálogo intercultural:

- 1 – reconhecendo a alteridade ou o outro (num movimento de pré-compreensão, que implica um certo modo de pertença);

2 – conhecendo o outro sujeito ou objecto cultural (trata-se aqui de um momento de explicação, a implicar uma atitude cognitiva de uma certa distanciação);

3 – compreendendo o outro sujeito, objecto ou cultura (implicando aqui um movimento mais abarcante e profundo de compreensão do sentido do outro e remetendo para uma atitude de pertença).

Compreender é assim desvelar/criar sentidos propostos por um objecto, o qual pode ser identificado e reidentificado como ‘o mesmo’ por diferentes indivíduos, de diferentes culturas, em diferentes épocas, sendo de certo modo sempre diferente e até surpreendentemente inovador.

Compreender e comunicar não pode ser apenas apropriar-se de um conteúdo psíquico, sociológico ou histórico próprio ou alheio: o objecto cultural é enraizamento histórico-cultural, mas também superação do processo psicológico, sociológico ou histórico em que nasceu e daí a sua radical possibilidade e apetência para a comunicação intercultural.

Na realidade, enquanto apropriação, a compreensão é um acontecimento cultural, quer dizer, consiste na capacidade de apresentar/desvelar/reconhecer um novo modo de olhar o mundo, independentemente da intenção mental ou situação histórica do seu criador; ora, este é o fundamento primeiro de toda a comunicação cultural (intra ou intercultural).

Aquele que compreende o objecto cultural, próprio ou alheio, também a si mesmo se compreende ao compreender o objecto, o que conduz necessariamente a um alargamento do campo de consciência do sujeito, destruindo os limites do ego narcisista, multiplicando a compreensão das profundas significações outras da vida. Compreender é compreender-se diante de... símbolos, metáforas e mitos, próprios ou alheios, o que só pode acontecer em contexto de diálogo (inter ou intra)cultural.

Em suma, longe de a cultura constituir um obstáculo à Comunicação Intercultural, defendemos, com Ricoeur, que é no seu aprofundamento que radica a possibilidade mais funda de promover esse diálogo (que não passa necessariamente por uma tradução linguística virtualmente perfeita), próprio de uma comunicação cultural que será compreensão do sentido cultural do outro se se fizer através dos símbolos, das metáforas e dos mitos que em todas as culturas expressam os modos particulares pelos quais os homens se relacionam (e historicamente se relacionaram) consigo próprios, com a Natureza e o Mundo, em suma, com a própria Vida.

## **Bibliografia**

Baptista, M. M. (2001). “O outro, globalmente o mesmo”. In *Nacionalismo e Globalización: Língua, Cultura e Identidades*, (ed.), ABL e BML, Vigo: Universidade de Vigo, pp. 213-219.

- Baptista, M. M. (2006). “A questão do ‘Outro’ na Europa da Cultura”. In *Europa – Globalização e Multiculturalismo (Encontros de Outono)*, (ed.), N. C., Porto: Editora Ausência, Casa das Artes de Famalicão, pp. 165-179.
- Barthes, R. (1957). *Mythologies*. Paris: Seuil.
- Freire, A. (1999). *Internacionalização – Desafios para Portugal*. Lisboa: Ed. Verbo.
- Gadamer, H. G. (1997). *Verdade e Método. I – Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*, Petrópolis: Editorial Vozes.
- Greimas, A. J. (1979/1992). *Of Gods and Men: Studies in Lithuanian Mythology*. Indiana: Indiana University Press.
- Lévi-Struass, C. (1962). *La Pensée sauvage*. Paris: Plon.
- Propp, V. I. (1928/1971). *Morphology of the Folktale* (Trad. Scott, L.). Texas: Texas University Press.
- Ricoeur, P. (1969). *O Conflito das Interpretações* (Trad. Correia, M. F. S.). Lisboa: Rés.
- Ricoeur, P. (1975). *A Metáfora Viva*. Lisboa: Rés.
- Ricoeur, P. (1986). *Du texte à l’action – Essais d’hermeneutique, II*. Paris: Ed. du Seuil.
- Ricoeur, P. (1987). *Teoria da Interpretação – O discurso e o excesso de significação* (Trad. Morão, A.). Lisboa: Ed. 70.
- Ricoeur, P. (1990). *Soi-même comme un autre*. Paris: Ed. du Seuil.
- Ricoeur, P. (s/d). “O consciente e o inconsciente” (1969). *O Conflito das Interpretações*, Lisboa: Rés: 100-120.